
ESCRITAS MELANCÓLICAS DE GÊNERO EM JUDITH BUTLER E ÉDOUARD LOUIS¹

MELANCHOLIC GENDER WRITINGS IN JUDITH BUTLER AND ÉDOUARD LOUIS

Regiane Lorenzetti Collares
UFC/UFGA

Luis Celestino de França Júnior
UFC/UFGA

24

Resumo: Este texto procura abordar escritas que são mobilizadas para enfrentarem ou elaborarem estados melancólicos de gênero. Nosso intento é a partir de escritas como de Judith Butler e Édouard Louis destacar uma face criativa e ético-política da melancolia, ao passo que trazem a possibilidade de encetar tanto um processo de apropriação das narrativas de si, como de crítica às referências opressoras advindas de uma heteronormatividade. O ato de escrita no que envolve os problemas de gênero apresenta-se aqui como uma artesanaria melancólica que busca responder à reconstrução de vidas muitas vezes arruinadas por um passado de apagamentos e de amores violentados por uma normatividade heterossexual.

Palavras-chave: Melancolia de Gênero; Escritas de Si; Judith Butler; Estética da Melancolia; Édouard Louis.

Abstract: This text seeks to address writings that are mobilized to confront or elaborate melancholic gender states. Our intention is to draw on writings by those of Judith Butler and Édouard Louis to highlight a creative and ethical-political face of melancholy, while also offering the possibility of initiating both a process of appropriating self-narratives and a critique of the oppressive references stemming from heteronormativity. The act of writing, as it involves gender issues, presents itself here as a melancholic craft that seeks to respond to the reconstruction of lives often ruined by a past of erasure and loves violated by heterosexual normativity.

Keywords: Gender Melancholy; Self-Writing; Judith Butler; Aesthetics of Melancholy; Édouard Louis.

¹ Agradecemos o apoio e financiamento da FUNCAP concernentes ao projeto de pesquisa Pro-Humanidades “Modos de Subjetivação e Biopolítica: vidas em situações de vulnerabilidade”.

INTRODUÇÃO

Uma nuvem cinza, sombria, constante parece marcar muitas histórias de vidas LGBTQs, sobretudo, devido a um passado de não-aceitação, de desamparo e de exclusão. Em decorrência disso, em muitos casos, apresenta-se uma percepção melancólica do mundo marcada pela inadequação e necessidade de criar outros espaços de existência.

Nessas (in)disposições melancólicas de gênero percebe-se frequentemente a configuração de um dilema provocado pelo mau ajuste às performatividades heteronormativas, como afirma o psicanalista Daniel Kveller; pois, tanto há a necessidade dessas subjetividades mudarem e se reinventarem, como também, devido à dificuldade de se elaborar situações de perdas e insultos vivenciados, acabam por se retraírem e se encapsularem em si mesmas. Por isso, no livro *Dissidências Sexuais, temporalidades Queer*, Kveller considera ainda que tais experiências melancólicas seriam frequentemente marcadas por uma posição ambígua que envolve o paradoxal desejo de mudar, “a paixão da entrega”, como também uma frustração desejante constante (Kveller, 2022, p. 177).

O sociólogo Didier Eribon em *Reflexões sobre a questão gay*, por sua vez, trata de um tipo de melancolia que diz respeito a modos de vida dissidentes da heteronormatividade, vidas que se tornam melancólicas devido ao fato de muitas vezes terem que romper com laços familiares, de se sentirem inferiorizadas, desamparadas. É como se as chances de existir se vertessem em tentativas, muitas vezes frustradas, de aceitação e da necessidade de reconhecimento (Eribon, 2008, p. 52-53). Em um panorama psíquico, a melancolia de gênero que indica se implicar às dissidências sexuais traz a especificidade de se atrelar a um árduo trabalho de luto que jamais é cumprido. Para o sociólogo francês, de acordo com a psicanálise freudiana, o luto no que diz respeito a um processo de sexualização nunca é plenamente cumprido porque se vincula psiquicamente a uma formação do eu na qual muitas identificações e desejos tiveram que passar por um processo de renúncia. Obviamente, em muitas existências LGBTQs tal condição melancólica é constantemente reatualizada pelo contexto vivenciado de violências de gênero.

Desse modo, deslocando-se das análises sobre a melancolia dadas sob os esquemas teóricos da psicanálise, Eribon, em um plano sociológico mais geral, diz que

uma condição melancólica, que procede desse “luto impossível de ser cumprido”, também se instaura a partir daquilo que a hegemonia de sexualidades heteronormativas provoca negativamente nas vidas não-heteronormativas. Isto é, os modos de vida LGBTQs se percebem então “a um só tempo, recusados e rejeitados” (Eribon, 2008, p. 53) diante dos modelos tradicionais de relações familiares, afetivas, de trabalho etc. Isso, na leitura de Eribon, acaba impactando nas chances felizes de relações futuras, nos mecanismos psíquicos de defesa e de autoboicote que são acionados inconscientemente, à medida que muitas vezes as existências LGBTQs se fecham entre si, em círculos estreitos de amizade ou mesmo se isolam, por já se sentirem de antemão rejeitadas em diferentes contextos e grupos sociais. Nesse sentido, qualquer possibilidade de “integração” mais ampla já traz em si seus limites, ameaças e barreiras. Essa atmosfera melancólica se situaria, portanto, numa virtualidade da dor diante de recusas e rejeições.

Carla Rodrigues, em seu livro *O luto entre clínica e política – Judith Butler para além do gênero*, quando escreve sobre as manifestações melancólicas que dizem respeito aos gêneros sexuais, acentua seus traços de *infamiliaridade*, como uma espécie de assombração que ronda nossa condição culturalmente generificada e colonizada pela heterossexualidade. A partir da decisão de tradução para o português de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares (Freud, 2029, p. 17-21) da palavra alemã “Das Unheimeliche”, presente no texto freudiano de 1919 – *Das Unheimeliche* –, Rodrigues emprega igualmente o termo “infamiliar” para dizer que, muito mais do que uma simples estranheza ou inadequação, o sentido de infamiliaridade adviria dos fantasmas que nos assombram a reboque do que foi duramente domesticado (*heimelich*) ou “colonizado” em nós. Nos seus próprios termos, a existência dos fantasmas de gênero e da instauração de sujeitos melancolizados estaria intimamente ligada à “condição colonial de ser assombrado *por aquilo que não se é nem se poderia ser*”, condição identificada nas situações de “ser mulher assombrada por não ser homem, ser homossexual assombrado por não ser heterossexual, ser transgênero assombrado por não ser cisgênero, e assim sucessivamente” (Rodrigues, 2021, p. 92).

Já da perspectiva do psicanalista Thamy Ayouch, por um lado, se na psicanálise de Freud há a consideração de que a melancolia leva em conta um processo no qual há uma recusa do sujeito em romper seu apego com um objeto ou ideal perdido, por outro lado, o psicanalista franco-marroquino percebe nessa recusa – na medida em que tais

desejos proibidos ou amores perdidos passam a ser introjetados numa espécie de “reversão” libidinal a si – as chances de saída do próprio quadro melancólico. Ou seja, explicita Ayouch, a admoestação de si comum nos quadros melancólicos pode ser substituída, em necessidade de ruptura com um sofrimento avassalador, por uma “raiva a serviço da vida” (Ayouch, 2025, p. 232). Noutros termos, a sobrevivência passa a depender de um desvio da agressão voltada contra si mesmo. Assim, na esteira das considerações da filósofa Judith Butler, Ayouch considera que “sair da melancolia, portanto, implica um redirecionamento da raiva para o poder: uma revolta não mais contra si mesmo, mas dirigida para fora, uma resistência e uma defesa ao mesmo tempo” (Ayouch, 2025, p. 232). Ou, como ainda afirma em seu livro *Psicanálises e Homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica*, as perdas que envolvem a melancolia de gênero também podem nos transportar à construção de uma existência social, gerando uma “sociabilidade da perda”, em que as perdas são reconhecidas e delas se geram a centralidade de estabelecermos vínculos não heteronormativos (Ayouch, 2015, p. 85).

Neste sentido, este texto procura abordar, no contexto do dossiê “Sobre a melancolia: estranhezas entre a estética e a política” da *Revista Passagens*, escritas que são mobilizadas para enfrentarem ou elaborarem estados melancólicos de gênero. Nosso intento é a partir de escritas como de Judith Butler e Édouard Louis destacar uma face criativa da melancolia, ao passo que trazem a possibilidade de encetar tanto um processo de apropriação das narrativas de si, como de abandono das referências opressoras advindas de uma heterossexualidade compulsória. O ato de escrita no que envolve os problemas de gênero apresenta-se neste texto como uma artesanaria melancólica que vem responder à reconstrução de vidas muitas vezes arruinadas por um passado de apagamentos, de agressões e de amores não vividos. São escritas que revelam, portanto, seu “potencial criativo” em desvio e contestação à heteronormatividade que se impõe socialmente como uma régua de medida rigorosa, rígida e estreita de gênero.

Assim, conforme afirma Cassiana Stephan em seu artigo “Notas sobre o amor e a melancolia: da estrutura à resistência”, na *Revista de Estudos Feministas*, a criação melancólica de si pela escrita teria a força de transgredir “os limites da matriz heterossexual e subverter as proibições que fundam a nossa realidade” (Stephan, 2020, p. 11). Trata-se aqui, em linhas gerais, de ressaltar as escritas melancólicas de gênero

como elaborações de coexistências estéticas dada na cumplicidade entre escritor/a/es e leitor/a/es que com franqueza atravessam juntas as noites mais sombrias dos abismos melancólicos de gênero.

I

Para tematizar as nuances melancólicas atreladas às questões de gênero e de sexualidade, faremos um breve aporte nas considerações da pensadora americana dedicada aos problemas de gênero Judith Butler. Desde o seu livro *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity* (1990), Butler faz uma remição a dois textos de Freud, *Luto e Melancolia* (1917) e *O Eu e o Id* (1923), para da perspectiva psicanalítica freudiana acentuar a melancolia como uma estrutura incipiente relacionada às identificações sexuais e implicada tanto na formação do eu, após um processo de renúncia libidinal, como em elaborações psíquicas frente às circunstâncias que envolvem perdas (Butler, 2016, p. 107).

De modo sumário, vale lembrar que no ensaio de 1917, *Luto e Melancolia*, Freud reconhece duas possíveis respostas psíquicas à condição de perda ou rompimento de um vínculo significativo; uma, se traduz no processo de luto (*Trauer*) e a outra, na instauração de uma condição melancólica (*Melancholie*) diante do objeto de amor perdido. Enquanto no processo de enlutamento se dá uma resposta considerada “normal” à tristeza de perder alguém – envolvendo um trabalho psíquico intenso de elaboração do trauma da perda –, na condição melancólica, o que ocorre é que não há um processo de desinvestimento do objeto amado depois da relação rompida, mas sim uma reversão libidinal para o eu. Na melancolia explicitada em *Luto e Melancolia* há, portanto, uma fixação narcísica patológica em si mesmo à medida que impera uma identificação do eu com o que foi para sempre perdido. Nas explicações de Freud, “a identificação narcísica com o objeto se torna então um substituto do investimento amoroso malfadado ou interrompido e disso resulta que, apesar do conflito, a relação amorosa com a pessoa amada não precisa ser abandonada” (Freud, 2011, p. 63).

Apesar da diferença entre os processos de luto e da melancolia, tanto os enlutados quanto os melancólicos passam por iguais momentos de extremo sofrimento, vindo a ter atitudes semelhantes de não aceitação da perda e de relutância diante da

irreversibilidade da morte. Desse modo, a saída “normal” do luto, depois de uma fase melancólica, se dá então em um despertar de interesse para uma realidade que nos chama para a vida e nos convoca a “deixar de lado” o objeto perdido, possibilitando ao enlutado amar novamente ou voltar-se para o mundo.

Já na melancolia recalcitrante, ainda segundo a leitura psicanalítica freudiana, há um apego aos fantasmas de amor perdido: o vulto do amor perdido se torna uma companhia constante e sem possibilidade de qualquer substitutivo. Quem se encontra em uma situação melancólica vive sob uma profunda tristeza que nada ou ninguém pode demover, com o agravante de haver um sério comprometimento da autoestima. Freud, na ocasião da escrita de *Luto e Melancolia*, acreditava que a resposta melancólica diante de uma perda significativa era contrária a qualquer sentimento de bem-estar do eu, sendo comum a apresentação de atitudes de autodepreciação e autorrecriinação.

No entanto, seis anos depois de *Luto e Melancolia*, em *O Eu e o Id* (1923), a versão de Freud sobre a melancolia é reformulada, curiosamente tal reformulação surge na esteira de elaborações, inclusive teóricas, situadas em um período de desolação do pós-guerra e de perder sua filha Sophie devido à epidemia da gripe espanhola. Neste ensaio freudiano não há mais a consideração de que após a elaboração de uma perda haja uma desfiliação libidinal do objeto amado e perdido. Ao contrário, após as primeiras perdas objetais, passaríamos por um processo melancólico de incorporação dos próprios objetos amados. Isto é, a incorporação em questão se implica a uma condição fantasmática em que o objeto perdido passa a existir internamente naqueles que o perdem. Desse modo, Freud reformula sua tese sobre a melancolia a partir dos imbróglis amorosos do complexo de Édipo: desde o momento em que perdemos o objeto amado na mais tenra infância começa a se mobilizar também um processo de incorporação psíquica dele ao nosso próprio eu. Portanto, a condição melancólica torna-se fundamental para a recuperação do eu diante da situação traumática da perda.

Ora, se é comum que no trauma proveniente de perdas significativas haja a sensação de que o coração fica partido ou de que o corpo está despedaçado, através de uma resposta psíquica melancólica, o que de cada um se perdeu com a morte ou separação passa a ser incorporado no sentido de se restabelecer a unidade do eu fraturada. Sendo assim, é decorrente de um processo psíquico melancólico, em última instância, que o sujeito traumatizado pela perda, separação ou morte seja levado a

internalizar os atributos do outro perdido para daí poder se recompor enquanto um “eu”.

Freud destaca então que todo esse périplo psíquico melancólico que envolve as elaborações da perda pela incorporação do objeto perdido surge como uma forma de evitar a aniquilação de si. A diferença entre as considerações sobre a melancolia elaboradas no texto de 1917 e as formulações dos estados melancólicos encontrados em *O eu e o id* é o fato de que neste último a incorporação do objeto perdido não vem a acontecer apenas durante um determinado momento do processo de luto. Em 1923, a melancolia é apontada como “uma nova estrutura de identificação” que surge com o desfecho do complexo de Édipo; o outro amado e perdido nas tramas edipianas vem a ser irremediavelmente acolhido, internalizado, no modo de nos constituirmos sob uma posição desejante feminina ou masculina. Freud nessa ocasião pretende então destacar que a internalização e identificação dos amores perdidos é algo fundamental para a formação do eu e para as futuras escolhas de objeto amoroso.

Todavia, tanto em *Luto e Melancolia* como em *O eu e o id*, Freud reitera que tão logo a perda seja superada por um árduo trabalho psíquico, passamos a ser capazes de nos ligar a outros objetos de amor. É importante aqui destacar que esta estratégia melancólica de internalização e identificação ao outro perdido não se opõe ao luto, funcionando talvez como o “único caminho” possível em que o eu pode sobreviver à perda dos laços afetivos que foram rompidos pela morte ou separação. Considerando tal périplo melancólico diante das perdas amorosas, Butler, em *Problemas de gênero*, parece querer reter dessa reformulação da teoria freudiana dos processos psíquicos envolvidos no luto a apreciação da condição melancólica no que diz respeito às renúncias que se ligam ao gênero sexual. A título de exemplo, Freud enfatiza que, com muita frequência, a análise revela que a menina, após renunciar ao pai como objeto amoroso, passa a se identificar com ele na condição de “objeto perdido” (Freud, 2011b, p. 40).

Assim, no caso do complexo de Édipo forjado pela psicanálise freudiana, na trama melancólica dos amores primários, a perda infantil do primeiro objeto de amor, incestuoso e impossível, acompanha-se também de um processo de internalização tanto do tabu do incesto como de resistência à homossexualidade. Pelas tramas do complexo de Édipo, de amor e rivalidade tanto pela mãe quanto pelo pai, Butler ressalta a

compreensão freudiana de haver uma dupla renúncia implicada na resolução dessa conflitiva edípica: a renúncia não apenas do objeto de amor, como a do desejo homossexual. É nessa dupla renúncia que ficaríamos mais sujeitos “às estratégias de internalização da melancolia” (Butler, 2016, p. 109).

De toda esta trama melancólica amorosa, o entendimento freudiano de uma bissexualidade constitutiva (Freud, 2011b, p. 41) leva, após internalização do objeto de amor perdido, a uma predisposição binária de gênero: a criança se vê compelida a assumir uma posição desejante masculina ou feminina. Nesse sentido, as predisposições de gênero que assumimos vem a ser consequência da internalização das identificações desejantes, internalizações operadas por uma espécie de melancolia culposa: temos de renunciar a uma posição desejante ambivalente ao preço de conseguirmos equacionar o complexo edipiano que envolve os impasses da bissexualidade. Uma bissexualidade que perturba a trama amorosa triangular e proibida entre criança, mãe e pai. Nesse sentido, embora Freud considere uma bissexualidade primária, é esta mesma bissexualidade que vem a ser um “fator complicador do caráter e do gênero” em suas formulações teóricas sobre a constituição do Eu (Butler, 2016, p. 109). Torna-se complicadora porque a fixidez do gênero sexual masculino ou feminino no caráter depende, por conseguinte, da renúncia de uma posição desejante bissexual.

Freud compreende assim que é um sentimento de tristeza que marca este momento de retirada do investimento libidinal de um objeto e sua transferência para outro. Em suma, como bem parece compreender Butler, a identificação com o gênero dos amores perdidos em Freud vem a ser a característica fundante da melancolia, “em que o sexo do objeto proibido é internalizado como proibição” (Butler, 2016, p. 114-116). Por tudo, segundo a leitura butleriana de Freud, a melancolia da identificação de gênero vem a corresponder a um processo de internalização “de uma diretriz moral interna” (Butler, 2016, p. 117).

Mesmo que Freud não seja explícito quanto a isso, para Butler, o que está em jogo nas formulações freudianas sobre o desenvolvimento sexual infantil não é apenas o tabu do incesto, mas a existência de um tabu que se volta também contra a homossexualidade. Este tabu se torna marcante nos impasses da identificação de gênero, na medida em que as predisposições sexuais se ligam a uma lei que barra o desejo homossexual, “que internalizada, produz e regula identidades de gênero distintas

e a heterossexualidade” (Butler, 2016, p. 117). Para Butler, portanto, o tabu contra a homossexualidade é o que permite compor “uma injunção repressora” (Butler, 2016, p. 119) que presume a existência de um desejo original e uma predisposição desejante que é heterossexual.

É justamente numa retomada dos problemas de gênero sob um viés psíquico, que a melancolia de gênero surge como um dos principais processos de sujeição no livro *A vida psíquica do poder* (1997). Nessa ocasião, Butler se aprofunda no assunto da melancolia, tomando-a agora como um processo psíquico constante e inacabado, mas que paradoxalmente também possibilita tensionar as predisposições sociais de gênero. Assim, se a melancolia acompanha o processo de recusa do desejo homossexual, por exemplo, Butler destaca que isso não significa dizer que tal modo de desejar seja abolido. Se determinada condição desejante não existe mais no mundo externo, numa condição melancólica, o desejo não deixa e existir.

A tese de Butler é de que qualquer identificação de gênero passa por um processo de identificação melancólica. Na compreensão butleriana, “a menina se torna menina por estar sujeita a uma proibição que lhe barra a mãe como objeto de desejo e instala esse objeto barrado como parte do eu – aliás, como uma identificação melancólica” (Butler, 2017, p. 145). Em termos gerais, Butler compreende uma posição heterossexual de gênero sendo cultivada psiquicamente e culturalmente, coagindo à incorporação inconsciente desse tipo de investimento desejante. Entretanto, na compreensão de Butler é justamente o traço melancólico do gênero sexual, em sua condição de ambivalência, que insiste em entrar em cena quando é performado - ou, ao menos, em parte – ressaltando-se nele um certo grau de inadequação aos códigos binariamente generificados da cultura.

O que Butler pretende então destacar é que neste ponto de cultivo ou de ênfase de uma heterossexualidade – como o que se dá na teorização sobre o desfecho do complexo de Édipo – Freud, sem se dar conta, acaba por articular uma lógica cultural em que a identidade de gênero é organizada pelo primado de uma escolha heterossexual, já que em última instância “as ameaças à heterossexualidade se tornam ameaças ao próprio gênero” (Butler, 2017, p. 144). Vale salientar que essa matriz heterossexual denunciada como fonte dos problemas de gênero por Butler não está apenas nos textos de Freud, mas se encontraria em toda um modo social de vida que

absorveu a lei heterossexual de escolha e posicionamento sexual como ordenadora da família e da cultura.

Essa heterossexualidade dada compulsoriamente justifica de algum modo porque a condição melancólica de gênero vem à tona com mais contundência nas existências minoritárias LGBTs, principalmente quando são confrontadas por discursos de ódio, pela enunciação de injúrias, xingamentos. É então este tipo de lei heterossexual censora e punitiva, ao mesmo tempo cultural e introjetada psiquicamente, que faz com que uma mulher lésbica passe a ter medo de seu desejo por outras mulheres, que seja levada a uma situação de pânico por se ver perdendo os traços que a orientavam a assumir um tipo de feminilidade, que faz com que se veja melancolizada diante da possibilidade de não ser mais vista como mulher, complementa Butler: “de que não é mais uma mulher propriamente dita, de que se ela não é exatamente um homem, é como se fosse um, e, por isso, é monstruosa de alguma maneira” (Butler, 2017, p. 144).

Todavia, é em uma perspectiva política diante da melancolia, que no livro *Corpos que Importam* que Butler venha a evidenciar com mais contundência uma espécie de potência criativa melancólica diante das posições fixas de gênero, capaz de desestabilizar um poder regulador provindo do primado da performatividade heterossexual. Sobre isso, Stephan (2020, p. 2) diz que em Butler se destaca também um tipo de “melancolia desviante ou criativa”, condição melancólica vinculada assim à subversão e a uma crítica em relação aos poderes e saberes de uma sociedade heteronormativa. Em resumo, se de um lado a melancolia indica ser um modo de internalizar um vínculo amoroso que foi barrado no mundo, por outro lado, pode ser um trunfo da condição melancólica estarmos já preparados psiquicamente para encarar o mundo como contingencialmente organizado por determinadas formas de exclusão e de perda. Um mundo que pode ser transformado pela descentralização e desposseção de um sujeito binariamente constituído (Butler, 2019, p. 399). Não deixa de ser um atributo da performance (melancólica) de gênero nos fazer acreditar que não existe um núcleo interno de gênero.

Mesmo identificando a existência da hegemonia de uma heterossexualidade cultural que nos impõe a performar o gênero como uma essência e de modo binário, Butler concebe que em contrapartida cada ato performativo melancólico de gênero traria potencialmente uma abertura diante dos scripts convencionais de uma posição

subjetiva generificada. Assim, quando performamos posições generificadas há de se considerar que a ambivalência da bissexualidade não é apagada de nosso psiquismo. Continua a existir em nós um resíduo melancólico ambivalente e de certo modo “imperformável” ligado ao gênero sexual. Butler indica ser então essa condição imperformável melancólica que resiste a uma conformação plena heterossexual, que nos mobiliza a desfigurar, distorcer, perturbar o gênero em suas fixas posições binárias.

Por isso, a partir das considerações de Butler, depreendemos que a grande tarefa das estéticas melancólicas de gênero esteja em consonância à produção de um campo “de espectros abjetos” que ameçam o campo arbitrariamente fechado das posições do sujeito ou das predisposições culturais do sujeito sexual (Butler, 2019, p. 198). Se é possível postular uma estética melancólica que se atrela a um desfazer de gênero, compreendemos que isso só pode se dar quando se corre o risco da própria incoerência da identidade sexual. Diante das renúncias ou coações referentes aos desejos proibidos culturalmente, sejam lá quais forem, o que Butler indica é que a condição melancólica envolve sobremaneira o esforço psíquico de produção de um outro conjunto de ficções que venham a dessubstancializar o gênero.

A melancolia, como um processo psíquico de defesa que regula a preservação do eu diante do trauma, pode servir inclusive à produção de outros espaços e modos de vida ou, nos termos de Butler, ser eficiente na criação de “tropos espacializantes” (Butler, 2017, p. 179) para a restauração da vida psíquica, espaços que consistem em “domicílios de preservação e abrigo, bem como arenas de luta” (Butler, 2017, p. 179).

Não à toa que Butler, ainda em *A vida psíquica do poder*, venha se reportar a Walter Benjamin em seu livro *Origem do drama trágico alemão*. Benjamin oportunamente observa nesse ensaio um processo de espacialização que se dá em poetas e escritores para enfrentarem as ruínas do tempo. Nesses casos, Butler compreende a constituição de uma condição melancólica que se reverte no esforço de barrar ou suspender o tempo através da produção de paisagens, paisagens que trazem as marcas identificativas do que fora perdido. Por isso, a restauração de uma outra paisagem fora do tempo vem a se opor à paralisante desolação do “desenrolar das crônicas do mundo” (Benjamin, 2013, p. 91). Butler, neste ponto em acordo com Benjamin, compreende a melancolia como uma disposição estética que nos permite também atravessar um campo de escombros e de ruínas. A condição melancólica

também nos permite carregar até mesmo na devassidão do mundo aquilo que desmorona ou é abandonado de nossa própria história.

De qualquer modo, apesar das diferentes vicissitudes que a melancolia pode assumir, Butler insiste em acentuar que a condição melancólica pode engendrar um potencial criativo ímpar, em que as novas paisagens criadas não se reduzem ao fardo das perdas passadas. Ou seja, é a própria condição melancólica que permite também uma elaboração constante dos pesares da vida, mobilizando cada um a criar saídas simbólicas frente às perdas vividas.

II

É sob uma atmosfera melancólica que o escritor francês Édouard Louis começa a escrever seu livro *Mudar: Método*. Vejamos:

Tenho vinte e seis anos e uns meses, a maioria das pessoas diria que tenho a vida pela frente, que nada começou ainda, e no entanto, vivo já há muito tempo com a sensação de ter vivido demais; imagino que é por isso que a necessidade de escrever é tão profunda, como uma maneira de fixar o passado no escrito e assim, suponho, me livrar dele; ou talvez, pelo contrário, que o passado está tão enraizado em mim agora que me obriga a falar dele, o tempo todo, a cada instante, que tenha me dominado e, acreditando me livrar dele, apenas reforço sua existência e seu poder sobre minha vida, talvez eu esteja preso – não sei.
Eu tinha vinte e seis anos e já era tarde demais... (Louis, 2024, p. 11).

A escrita de Édouard Louis, movida por lembranças melancólicas, o leva à urgência de mudar. Mudar da condição de miséria, em que viu desabar a vida de toda família: da mãe, adoecida e deprimida devido à agressividade do pai e da dura jornada de trabalho que a consumia; do irmão mais velho, por sua delinquência e aniquilação completa pelo alcoolismo, e, por fim, do pai combalido por um acidente de trabalho, por sua vida desgastada no chão de uma fábrica, na linha de produção, varrendo ruas. Uma mudança que indica ser operada pela angústia diante de um destino que o empurrava para um circuito ininterrupto de desabamentos e fracassos das suas referências parentais masculinas; um destino que se estendia desde a vida de seu bisavô, passando pelo avô, pai e irmão. Todos marcados pela privação, precariedade, doenças e abandonos.

A mudança em questão, fruto do desamparo e do sentimento de inadequação diante da virilidade e masculinidade performadas em seu meio, se implicava então a uma fuga em que pudesse encontrar outros espaços para se reconstruir em sua condição desejante, de um homem que amava outros homens e que, na verdade, desde a infância sonhava em ser uma menina. Édouard, nesses constantes deslocamentos, resolveu transformar-se por completo: trocou o sobrenome e o nome na justiça, mudou a forma do rosto, refez os dentes, o corpo, a forma de se vestir, reinventou a maneira de se mover, de andar, de falar, e, sobretudo, escreveu e publicou livros recontando a sua história.

Já na introdução do livro que trata de suas mudanças, ressalta um passado de humilhações, de privações e, em última instância, uma vida melancolicamente anulada que o fazia se aproximar da morte: “Escapei por pouco da morte, vivi a morte, provei sua realidade” (Louis, 2024, p. 14). É então esse retorno a situações de violência, humilhação e insulto que em *Mudar: método* indica provocar o escritor francês a se comprometer com uma escrita tributada pela constante tarefa de recomposição de si.

É interessante observar que é o mesmo céu cinzento da sua cidade de infância que o acompanha em todo o livro, passando a constituir a atmosfera melancólica dos seus movimentos de mudança. Uma transformação que não deixa de ser marcada por desejos ambivalentes; com a mesma intensidade que sonhava ser reconhecido na rua devido aos seus livros, também queria ser invisível, desaparecer. O mais paradoxal é que de todas suas mudanças sonhadas e muitas exitosamente levadas a cabo, o que indica prevalecer nas entrelinhas de seus escritos é uma posição melancólica de sempre estar a cavar um espaço literário para, muito mais do que se consolidar como um escritor, ter a chance de existir de outro modo. Suas mudanças, portanto, parecem só ter sentido na medida em que lhe dão a chance de elaborar suas próprias histórias, seus afetos, seu corpo, empreendendo uma odisseia que transcorre em cada um de seus livros como uma volta às marcas e feridas da sua existência enquanto criança gay, pobre e reiteradamente humilhada.

Sendo assim, é a partir do momento em que Édouard Louis decide dar um fim em Eddy (seu nome morto de infância), outra vida começa a nascer; a mudança conta com a troca de seu nome e sobrenome, com a possibilidade de ser outro, seja no andar, no modo de vestir, de se expressar etc. O desejo de mudança lhe chega como uma forma

de responder e de se vingar das agressões e apagamentos sofridos desde criança, quando ninguém o aceitava devido ao seu modo de ser. Ou quando escutava em todos os lugares: “Por que Eddy fala assim igual uma menina, mesmo sendo menino? Por que ele anda igual a uma menina? Por que vira as mãos quando fala? Por que olha desse jeito para outros meninos? Será que ele não é meio viado?” (Louis, 2024, p. 23).

Sem conseguir responder essas interpelações que lhe chegavam como um tapa na cara – e nem saber responder por que desejava outros meninos – ele se via à época de sua infância e adolescência como um prisioneiro de si mesmo, de modo que compreendia já aos 6 anos de idade que “Viado” seria o termo significante que o acompanharia pelo resto de sua existência; seja na rua, na escola, ou em qualquer lugar em que estivesse. A melancolia vinha, portanto, de uma incorporação forçada do “ser viado”; quando na escola os outros alunos o xingavam no pátio, era a palavra “viado” que fazia eco em sua cabeça. Quando outras crianças sarcasticamente davam tapas nele por prazer, era a mesma palavra que justificava a agressão: “viado”. Quando enfiavam bilhetinhos em sua mochila, o tom de ameaça era implacável: “morre seu viadinho”. “Viado”, portanto, era a palavra que, até mesmo quando não pronunciada, era ouvida por Eddy no suspiro de desprezo dos que estavam à sua volta.

Na época de sua infância e adolescência, Édouard conta então que não sabia que seriam justamente os medos engolidos a seco e insultos dirigidos a ele, como menino viado, que iriam salvá-lo de uma reprodução idêntica de sua vida. Em uma passagem significativa de seu *Mudar: método*, o escritor afirma: “Eu ainda não sabia que a humilhação ia me obrigar a ser livre” (Louis, 2024, p. 27). Édouard, portanto, faz valer na escrita de seu livro sobre as mudanças de si uma narrativa de rotas de fuga, sua escrita procura revisitar os caminhos de suas “saídas possíveis” (Louis, 2024, p. 29); de Hallencourt à Amiens, de Amiens à Paris, de sua amizade com Elena, com Didier Eribon, de seu processo de transformação, enfim, de todos os espaços, corpos e imagens através dos quais foi redesenhando a si mesmo.

O escritor traça então mudanças – afinal, trata-se de um “método” – partindo de sua zona melancólica de desconforto: foi atendente em padaria, zelador, vendedor em livraria, garçom, arrumador em vários teatros, secretário, professor particular, garoto de programa, monitor de colônia de férias, cobaia de experiências médicas. A mudança começa logo cedo: da pequena cidade interiorana de Hallencourt para Amiens,

passando temporadas na casa de sua amiga Elena, absorvendo tudo que pudesse para sua autotransformação, lendo compulsivamente tudo que caísse em suas mãos – “lia no trabalho, lia na hora do almoço na universidade, lia no ônibus” (Louis, 2024, p. 139). Buscou uma vaga para estudar na famosa e disputada *École Normale Supérieure* em Paris, conseguiu. Morou sozinho em uma quitinete, depois viajou para Barcelona, morou uma curta temporada em Nova York. Sempre com o desejo de mudar martelando em sua cabeça: “tenho que ir embora, tenho que ir embora. Tenho que mudar” (Louis, 2024, p. 139). Também viajou pelo mundo inteiro a pretexto de divulgar seus livros, foi para países como Japão, Chile, Kosovo, Malásia, Singapura, Brasil. Fez conferências em Berkeley, Harvard, Sorbonne... Foi, portanto, diante desse movimento contínuo de deslocamentos, de ganhos e, certamente, também de perdas, que Édouard indica fazer operar as mudanças mais significativas para existir como uma pessoa não-heterossexual.

No que toca o caminho literário dessas mudanças, Édouard afirma que o ato de escrita de seus livros estaria muito distante de qualquer “amor às palavras” ou de uma “fascinação com a visão poética do mundo” (Louis, 2024, p. 225), como alguns escritores costumam justificar o nascimento da literatura em suas vidas. De modo diferente se passou com ele, com a escrita de seu primeiro livro *O fim de Eddy (En finir avec Eddy Bellegueule, 2014)*, pois, o que indicava importar a Édouard Louis nessa ocasião era simplesmente a chance de “escrever para existir”.

Desse périplo de mudanças contínuas, a força literária de Édouard Louis não diz se encontrar propriamente no alcance de um lugar feliz e confortável de reconhecimento, redenção e superação pela escrita. Ao contrário, a força que move sua literatura parece estar justamente na travessia dos seus abismos, na vivência de um processo de elaborações contínuas de um passado que em repetição é contado, recontado, sem nunca se apagar.

Não à toa que quando Édouard Louis começou a escrever seu primeiro livro *O fim de Eddy*, fosse o próprio processo de transformação que o animava a seguir no projeto do livro. Se via consumido num ritmo alucinante de escrita; acordava, escrevia, não comia direito. Ele conta que fez isso durante dias a fio, no limite da loucura. Prometia a si mesmo descansar quando seu livro pudesse vingá-lo de seu passado. Mas, diante de tudo o que já havia conquistado, muitas vezes o que lhe restava era apenas o

desejo de continuar a escrever. O mais notável é que só depois de *O fim* (melancólico) de Eddy e dos livros que se seguiram, depois do reconhecimento enfim conquistado, é que o escritor que nascera nele passara a amar sinceramente a arte e a literatura na medida em que não escrevia mais para se salvar, mas para escrever livros que pudessem ajudar os outros, para escrever livros que “fossem armas para os outros” (Louis, 2024, p. 232).

Desse modo, o livro *Mudar: método* conta também com um epílogo, escrito da necessidade de tratar de questões remanescentes de todo seu processo de mudança. É aí que Édouard Louis se pergunta oportunamente se sua escrita o condenaria a “sempre esperar uma outra vida”? (Louis, 2024, p. 232). Em uma tentativa de resposta, o jovem escritor acredita que muitas vezes no ato de escrever o que está em jogo é simplesmente a possibilidade de “voltar”; voltar a um tempo em que mudar não era sua urgência, a um tempo em que passava a noite no ponto de ônibus com suas amigas e amigos, ao tempo em que tinha Amélie, sua melhor amiga, com quem construía cabanas nos campos de trigo. Escrever também era chance de voltar a um tempo perdido de sonhos vãos e de privações; de ter uma mobilete, de ir ao McDonald's, de sonhar que chegasse logo o fim de semana para ir ao supermercado comprar uma Coca-Cola. Era também a volta a um tempo em que podia encontrar sua mãe sorrindo mesmo com a “vida de merda” que levava.

Ao que pese as muitas lembranças dolorosas de um menino “viado”, é nas entrelinhas da escrita dessas memórias, que Édouard Louis reconstrói termo a termo um passado de destruição, revisitando um tempo que, apesar dos pesares, lhe deu cheiros e imagens para recompor a si e desejar melancolicamente mudar. Nesse sentido, as metamorfoses de Édouard Louis, mais do que serem operadas por uma falha identificada em si mesmo, indicam se dar em uma espécie de trama melancólica em aberto entre sua escrita e sua massacrada vida de menino “viado”. Uma trama melancólica que permitiu ao jovem escritor francês escrever sobre o fim de Eddy sem que isso se implicasse à sua própria morte, que permitiu ao escritor tecer sua vida a partir de seus escombros e de recontar uma história que nos sensibiliza e nos une diante da dor de outres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar aqui de escritas melancólicas de gênero significa dizer que o gênero sexual não pode ser visto como uma verdade puramente psíquica, dada em uma essência interna, nem muito menos pode ser reduzido a uma aparência de superfície ou a um determinismo biológico ou psicológico. Se há uma condição melancólica que se destaca diante das questões de gênero, isso se dá pela disposição que é provocada por uma renúncia desejante que é cultivada por uma heteronormatividade sexual coercitiva e punitiva, estruturada psiquicamente e socialmente, em que “a masculinidade e a feminilidade nunca podem ser reproduzidas de maneira exata como estabelecem as diretrizes heteronormativas” (Kveller, 2022, p. 127).

As escritas melancólicas de gênero não deixam de evidenciar, nas entrelinhas das considerações filosóficas de Butler e da literatura de Édouard Louis, a contestação de uma posição hegemônica cultural que eminentemente é de ordem heterossexual e que “inevitavelmente falhará” (Kveller, 2022, p. 127). Para Butler, se há uma condição melancólica que se acentua diante dos problemas de gênero, isso indica se dar por uma disposição subjetiva marcada pela renúncia desejante, uma renúncia que nunca permite a passagem pelo luto, mas que é “preservada” por uma normatividade heterossexual coercitiva e punitiva.

Desse modo, tanto as considerações de Butler como a literatura de Édouard Louis nos levam a alguns apontamentos que aqui trazemos em caráter de conclusão. Poderíamos falar de uma dimensão maior da escrita melancólica de gênero destacada pela filósofa americana e pelo jovem escritor francês. São textos que nos levam a uma identificação direta, na maior parte dos casos, remetendo à perda de momentos felizes da infância arrancados pela homofobia, por exemplo, ou pela transfobia, pelo racismo, pela condição social, pois, não podemos esquecer o caráter interseccional daquilo que nos obriga a renunciar alguns de nossos desejos mais caros. Por isso, as escritas melancólicas parecem propor, pelo menos em alguma medida, o convite a uma reescrita coletiva de existências minoritárias, de vidas que se encontram por alguma razão traumatizadas/despedaçadas.

O escritor francês Didier Eribon, amigo e referência de Édouard Louis, abre seu livro *Reflexões sobre a Questão Gay* com uma parte dedicada a abordar “O mundo da

Injúria”. Suas reflexões passam pelo exame da injúria, pelo medo da agressão, pelo receio da violência iminente, pela explosão de ódio que a heteronormatividade impõe contra pessoas LGBTs. Por conta disso, segundo Eribon, minorias sexuais desenvolvem o hábito de observarem os ambientes em que estão de modo diferenciado. Uma espécie de olhar o mundo à distância ou ver o mundo de fora para saber se é um ambiente seguro para estar ou um lugar possível de convivência. Esse ver o mundo de fora passa por observar os hábitos, as vestimentas, as falas, os corpos, os risos, os timbres de vozes e as cenas do mundo. Esse modo de *regarder de l’exterieur* o mundo parece dizer respeito assim ao caráter de desvio da condição melancólica, na medida em que também se produz aí não apenas um outro modo de estar no mundo, mas um outro mundo. Mundo que vem a compor a formação de uma coletividade que cumpre o papel de “reanimar, incansavelmente, o processo de criação e recriação de si mesmo” (Eribon, 2008, p. 170).

Outro aspecto que indica se implicar às escritas melancólicas de gênero é a narrativa de um amplo processo de mudança, de deslocamento, de ultrapassagem dos limites impostos pela hegemonia de sexualidades heteronormativas; a mudança para a cidade grande, mudança para bairros *gay/queer-friendly*, mudança de carreira, a realização de outras formações, adoção de novas formulações teóricas/filosóficas, mudanças na visualidade, de ampliação de relações de amizade etc. Isso por si só já sinaliza o caráter ao mesmo tempo desviante e criativo de escritas melancólicas de gênero. Tais escritas melancólicas, junto a esse anseio de mudança e enfrentamento de situações hostis, trazem também os traços da transgressão. Atravessam zonas, fronteiras, limites. É a melancolia da busca de um lugar que nunca se chega, mas que vai deixando rastros permanentemente renovados.

Nesse sentido, o pensamento de Butler e as metamorfoses de Édouard Louis diante da melancolia de gênero, suas escritas, indicam se dar em uma espécie de trama criativa em que os textos literários e filosóficos se abrem como possibilidades éticas, políticas e simbólicas de elaboração e enfrentamentos constantes frente às violências de gênero.

REFERÊNCIAS

- AYOUC, T. **A raça no divã**. Salvador: Devires, 2025.
- AYOUC, T. **Psicanálise & Homossexualidades**: teoria, clínica, biopolítica. Curitiba: CRV, 2015.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama trágico alemão**. Trad: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BUTLER, J. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Trad: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Notas para uma teoria performativa da assembleia. Trad: Fernanda Siqueira e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, J. **Corpos que Importam**: os limites discursivos do sexo. Trad: Verônica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1; Crocodilo, 2019.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FREUD, S. **Luto e Melancolia**. Trad: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011a.
- FREUD, S. O eu e o id, “autobiografia” e outros textos. In: **Obras completas de Sigmund Freud** (vol. 16). Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.
- FREUD, S. **O infamiliar e outros escritos**; seguido de O homem da areia, de E.T.A. Hoffmann. Trad: Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- KVELLER, D. **Dissidências sexuais, temporalidades queer**: uma crítica ao imperativo do progresso e do orgulho. Salvador: Devires, 2022.
- LOUIS, É. **Mudar**: Método. Trad: Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2024.
- RODRIGUES, C. **O luto entre clínica e política**: Judith Butler para além do gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- STEPHAN, C. L. Notas sobre o amor e a melancolia: da estrutura à resistência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1-13, 2020.

Sobre os autores

Regiane Lorenzetti Collares

Professora de Filosofia (UFC/UFCA), do PPGFILO (UFC) e do PROF-FILO (UFCA). Coordenadora do Projeto Modos de Subjetivação e Biopolítica (FUNCAP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3066-1163>

Luis Celestino de França Júnior

Doutor em Comunicação (UFPE). Professor do curso de Jornalismo da UFCA.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0312-5063>

Como citar esse artigo

COLLARES, R. L.; FRANÇA JUNIOR, L. C. de. Escritas melancólicas de gênero em Judith Butler e Édouard Louis.

Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 16, n. especial, p. 24-43, 2025.

RECEBIDO EM: 30/06/2025

ACEITO EM: 24/10/2025



Esta obra está licenciada com uma *Licença Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional
